

A lucidez que prende

Pedro Meira Monteiro
(Princeton University)

A última vez que vi Antonio Cândido foi em sua casa, em 2016, quando eu e Lilia Schwarcz lhe demos um exemplar da edição crítica de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, que ele recebeu com grande entusiasmo. Nós, um pouco embaraçados, porque a edição no fundo vai contra a famosa interpretação que ele fez do amigo Sérgio Buarque, considerando-o um democrata “radical” já lá na década de 1930. Para nossa surpresa, Cândido vibrou com a ideia, e nos disse, com todas as letras, que afinal talvez houvesse um pouco de exagero na sua interpretação. Mas, à parte a graça e a humildade com que falava de si mesmo, o que mais me impressionou foi a história que então nos contou, sobre o poder da literatura diante da morte.

Antes, há que dizer que a clareza dos textos de Antonio Cândido, simples e profundos, têm provavelmente a ver com sua capacidade e seu amor por contar histórias, a que se somava, para os que o conheceram melhor, o talento para imitar a fala e o jeito dos outros. Essa escuta tão fina, voltada para as pessoas diferentes, atenta e curiosa, está toda lá, para quem quiser ver, nos *Parceiros do Rio Bonito*, sua tese de doutorado em sociologia depois publicada em livro, em 1964. Os agradecimentos aos “caipiras” da região de Botucatu ainda hoje cala fundo, nesse Brasil tão maltratado: “Eram todos analfabetos, sendo alguns admiráveis pela acuidade da inteligência”. Ou então, aquela cena que ainda hoje me arrepia, no extraordinário retrato da socialista Teresa Maria Carini, a Teresina: “Convidava pobres e ricos para sentar na mesa, ao mesmo tempo se coincidisse, oferecia polenta caso fosse hora do almoço, falava da Rússia, de música e das novidades com o tom adequado. Um dia uma pessoa que foi visitá-la encontrou-a instalada entre a mulher do presidente da República e o Tio Pedrinho, preto velho rachador de lenha, feio como a necessidade, que estava almoçando com ela”.

A história que Antonio Cândido então nos contou foi precedida por uma observação que resume o que era, para ele, o caráter esclarecedor da arte. Cândido era um iluminista, sem que com isso deixasse de interessar-lhe o mais recôndito e misterioso, o obscuro e o impenetrável da vida. Ele nos disse primeiro que a literatura organiza as ideias, a música organiza a sensibilidade, enquanto as artes plásticas organizam a maneira de ver o mundo. Isto para contar, tão vividamente que nos comovemos, a cena, em que ele e Dona Gilda visitaram o amigo historiador, Sérgio Buarque de Holanda, já muito doente, às portas da morte.

Sérgio não dizia coisa com coisa, e Cândido nos conta que se perguntou então se eles tinham o direito, a despeito da intimidade, de estar ali evê-lo naquele estado, a delirar. Mas eis que, de um golpe, Sérgio se levanta com seu chambre e começa a declamar a célebre oitava de Camões: “No mar tanta tormenta, e tanto dano,/ Tantas vezes a morte apercebida!/ Na terra tanta guerra, tanto engano,/ Tanta necessidade avorrecida!/ Onde pode acolher-se um fraco humano,/ Onde terá segura a curta vida,/ Que não se arme, e se indigne o Céu sereno/ Contra

um bicho da terra tão pequeno?”. Candido a declama também, para ao fim nos dizer: a literatura lhe deu um último momento de lucidez.

A lucidez é um traço inequívoco nos escritos de Antonio Candido. Uma lucidez engajada, preocupada com o social e com a política, verdadeiro mundo de inquietudes escondidas sob a prosa límpida que não há quem não admire.

Como me disse outro amigo, em Princeton, quando lhe escrevi sobre a morte de Candido: mestre, era imenso.

REMEMBERING ANTONIO CANDIDO
2018 MLA Convention – New York City
January 6, 2018; 7:15-8:30 PM

(Esta é uma versão minimamente alterada de um depoimento veiculado pela [*Folha de S. Paulo*](#) no dia da morte de Antonio Candido, e onde eu retomo o que foi um emocionante último encontro com ele, em São Paulo.)